O DISCURSO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOBRE O PROFESSOR

Kátia Zanvettor
Universidade de São Paulo
katiaz@usp.br

RESUMO

Neste artigo analisaremos centralmente três textos, uma propaganda e dois textos jornalísticos que falam sobre o professor e seu papel na sociedade. Baseando nossa análise no movimento discursivo criados pelos meios de comunicação sobre o professor que, em um processo interdiscursivo, ao mesmo tempo em que reforça sua importância social, banaliza seu caráter profissional identificando a carreira como uma escolha devocional. Este trabalho expõe parte da nossa pesquisa em andamento intitulada "Quando os professores são a pauta: os discursos nos meios de comunicação sobre o professor", na qual pretendemos identificar padrões para se referir ao professor na mídia e tentar compreender se tais padrões conformam e subjetivam o modo que os próprios professores compreendem sua profissão.

Palavras-Chave: Discurso das mídias; professores; profissão docente;

INTRODUÇÃO

Neste trabalho analisamos três diferentes textos midiáticos, uma propaganda e duas reportagens, que de uma forma ou de outra tratam do professor e do seu trabalho. Temos como objetivo compreender, com base nos textos analisados, como se constitui o discurso dos meios de comunicação sobre o professor e seu trabalho e quais são as tramas de sentido em que esses discursos se apóiam para se constituir. Claro que a constituição de um discurso sobre uma categoria e sua expressão profissional tem uma dimensão muito ampla, que extrapola os limites de qualquer publicação e neste caso não poderia ser diferente. Nosso trabalho é, portanto, um estudo preliminar que tem como foco os discursos dos meios de comunicação sobre a constituição do sentido de professor, mas que passa ao largo de qualquer tentativa de comprovar, confirmar ou verificar a autenticidade destes discursos ou ainda fazer qualquer julgamento sobre estes discursos e seus efeitos na sociedade.

Contudo, temos que admitir que nossas escolhas revelam muito sobre como compreendemos os meios de comunicação, o papel deles em nossa sociedade e também como compreendemos que eles influem na imagem social do professor e do seu trabalho. Expõem que o que é dito sobre o professor (ser professor) e também sobre o seu trabalho (o fazer educativo), pode significar o próprio processo de construção destes lugares sociais, ainda que uma construção deformada. Segundo Charaudeau (2006), o discurso de informação é uma atividade de linguagem que permite que se estabeleça nas sociedades o vinculo social sem o qual não haveria reconhecimento identitário, mas é também a atividade capaz de fragmentar e transformar o espaço público de forma a deturpá-lo.

"A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo. (...) A ideologia do mostrar a qualquer preço, do tornar visível o invisível e do selecionar o que é o mais surpreendente (as notícias ruins) faz com que se construa uma imagem fragmentada do espaço público, uma visão adequada aos objetivos das mídias, mas bem afastada de um reflexo fiel".

Neste trabalho, portanto, nosso interesse está em entender estes efeitos de sentidos gerados pelos discursos que encontramos nos meios de comunicação sobre o professor.

Com isto também marcamos que nossa atitude diante da linguagem é tomá-la como algo não transparente (Charaudeau, 2008, p. 20), isto é, que o que é dito e materi-

alizado sobre o professor e seu trabalho não é fruto de uma intencionalidade primeira e irrefutável de um ou de outro autor. Acreditamos que os interlocutores de qualquer discurso estão, necessariamente, condicionados às tramas de outros discursos. Neste caso, estão presentes não só aos discursos da mídia, mas aos discursos provindos dos diferentes interlocutores que os meios se apóiam para justificar e compor os seus discursos. Ainda no caso da propaganda, promovida pelo Ministério da Educação, temos que considerar não só como um discurso publicitário, mas um discurso de Estado e um discurso de Governo. Assim, os discursos analisados aqui são resultados de uma trama de sentidos vindos dos meios de comunicação, vindos da sociedade, de organizações, vindos do Estado, mas vindos também dos professores. Nossa relação com a linguagem, portanto, dá outra dimensão para a abordagem do texto, que não se dará a partir de um processo de evidenciar o que está apagado e clarear a intencionalidade do autor, mas sim o de considerar as diferentes perspectivas que se confrontam no texto para construir os sentidos deste discurso sobre o professor e seu trabalho.

> "O interdiscurso tem precedência sobre o discurso. Isso significa propor que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos (...). Seria a relação interdiscursiva, pois, que estruturaria a identidade. Todo o discurso, como toda a cultura, é finito, na medida em que repousa sobre partilhas iniciais, mas essas partilhas não tomariam forma sobre um espaço semântico indiferenciado." (Maingueneau, D., 2005: 21)

Esta abordagem tem como referência explícita a Análise do Discurso de tradição francesa, convencionalmente chamada de AD nos estudos da área, que neste trabalho essencialmente nos lembra que um discurso só assume sentido no interior de um universo de outros discursos (o interdiscurso). Restringiremos, com base no objetivo deste trabalho, o uso dos conceitos da AD à abordagem interdiscursiva do texto, trabalhando com a hipótese que o discurso do professor nos meios de comunicação se constrói sob um aparente discurso de defesa do seu trabalho, sua dignidade e da valorização da importância do ato educativo, mas que também está estruturado em um discurso de fragmentação, em que a educação está sempre associada a outras prioridades sociais, dividindo sua importância e desviando o foco dos problemas principais.

Ainda pudemos identificar a presença de um discurso de culpabilização, em que o próprio professor é responsável pela má qualidade da educação, especialmente quando se refere a sua formação e, por fim, encontramos um discurso missionário, em que sendo a educação um bem maior o professor deve dar sua contribuição (mesmo que sacrificada) pelo bem da sociedade.

Na primeira parte trabalhamos com a matéria jornalística "Ensino, maior preocupação em SP", enquadrada no gênero notícia e que, pelas descrições dos manuais de redação, tem o compromisso com a objetividade dos fatos, deve apresentar informações relevantes e verdadeiras, ouvindo sempre todos os lados envolvidos. Neste texto percebemos que esses mecanismos da notícia estão presentes, mas sempre deslizando na inevitável não transparência do discurso. Assim, por mais que a autora se esforce para controlar o sentido sobre as informações que está relatando, acaba perdendo as rédeas e se rendendo aos diferentes sentidos que conforma a questão. Observamos neste texto que, por mais que os dados apresentem a educação como o tema de maior importância para a população da cidade de São Paulo (e que o próprio jornal tente demonstrar que também considera o tema importante), ele sempre acaba voltando para a temática do trânsito, criando um sentido fragmentado do que realmente importa.

Na segunda parte trabalhamos com o artigo "Salário dos professores sobe 18% em 5 anos", do colunista Antonio Góis, da Folha de São Paulo. Aqui somos convidados a refletir sobre a situação da educação e dos professores a partir desta boa notícia. Porém, o movimento do texto nos leva a questionar as informações iniciais reposicionando os dados e demonstrando que na verdade não há o que se comemorar. Em uma posição de denúncia e de reivindicação, comum ao gênero, o colunista se coloca ao lado dos professores e da educação. Contudo, o discurso não caminha em um único sentido; ele vai e volta, e constrói neste movimento a ambigüidade, deixando no leitor a dúvida sobre a legitimidade das reivindicações salariais dos professores. Por fim, somos convidados a refletir sobre a formação do professor e terminamos o texto convencidos que o próprio professor não é merecedor de um bom salário, já que não é bem formado e que para melhorar a educação é preciso melhorar a qualidade das pessoas que escolhem ser educadores.

Por fim, analisamos uma propaganda do Ministério da Educação para promover a campanha de valorização do professor. Analisamos (ainda que não profundamente) esta propaganda justamente por ela operar dentro do sentido de importância social dos professores. Portanto, entendemos que ela está inscrita no mesmo cenário discursivo que as matérias analisadas. A campanha trabalha com a idéia da importância da educação para o desenvolvimento social e cria uma imagem para a profissão que a aproxima do sagrado: o professor é o responsável pelo desenvolvimento de uma nação (ele, e mais nada). Concluímos que o movimento do texto reforça a idéia de que o professor é uma profissão de fé, de paixão, uma profissão escolhida pela causa e não pelo contorno econômico e pela ascensão social pessoal que ela poderia proporcionar.

Assim, o professor comprometido com uma causa maior (não a causa particular, individual) deve inclusive suportar sacrifícios e provações que a profissão por ventura possa gerar.

Nesta primeira análise, que ainda é um estudo introdutório do nosso projeto de doutorado intitulado "Quando os professores são a pauta? O discurso nos meios de comunicação sobre o professor e seu trabalho", pudemos perceber que os três textos analisados se inscrevem no mesmo campo de sentido: o de exprimir a importância do professor e da educação. Contudo, os próprios textos apresentam questionamento a esta importância o que nos leva a concluir que, efetivamente, apesar do esforço positivo, a imagem negativa do professor e do seu trabalho é o que ainda predomina nos meios de comunicação.

A EDUCAÇÃO FRAGMENTADA

Estamos diante de uma matéria que nos informa dados sobre uma pesquisa feita pelo Movimento Nossa São Paulo, no qual é perguntado aos paulistanos, no período de junho a setembro de 2009, qual é o item mais importante para sua qualidade de vida e bem estar na cidade. Surpreendentemente, como frisa o próprio jornal, quem lidera a lista é a educação e não o transito (que alcançou o modesto 17º lugar na pesquisa).

Com essas informações em mãos, a matéria continua nos mostrando a contradição entre o desejo da população e a realidade das escolhas e opções políticas. Logo somos informados que a pesquisa surpreendeu os seus organizadores por se passar exatamente em um momento que a cidade de São Paulo recebe verbas significativas para solucionar problemas de transporte urbano.

A autora usa artifícios próprios da linguagem jornalística na chamada objetividade jornalística: se apóia nos dados e dá voz aos coordenadores da pesquisa e assim consegue referendar seus argumentos. Outro artifício é o uso do "personagem": uma pessoa real que exemplifica, com sua própria historia de vida ou com sua opinião, o que o jornalista quer dizer. Assim, somos apresentados ao jovem estudante que, com suas palavras e em um tom quase poético, reforça a idéia do quanto a educação é importante.

Na composição do texto, a jornalista deixa passar a dificuldade que encontra em definir, de forma objetiva, porque a educação é o tema que mais mobiliza a população de uma

cidade como São Paulo. Um tema que, segundo ela, não está entre as principais conversas dos encontros informais e também não é o que merece maior investimento público. Já no início da reportagem, a partir do título, já começamos a perceber a queda de braço entre a educação e o trânsito: não é o segundo e sim o primeiro que preocupa mais os paulistanos. O segundo domina as rodas informais e recebe mais atenção política, mas é o primeiro que é o mais lembrado quando se questiona sobre a qualidade de vida das pessoas. Na argumentação - costurada em dados, depoimentos e entrevistas - vamos percebendo que o próprio texto precisa se convencer que o trânsito não é tão importante quanto a educação. Seguimos no texto e percebemos que ele continua se esforçando para sistematizar o porquê deste inusitado resultado, novamente usado as estratégias do discurso da informação nos apresenta dados objetivos: 50% dos entrevistados demonstram preocupação com a qualidade da formação dos professores e 40% com a falta de vagas em escolas e creches perto de casa. Para confirmar o que os números dizem uma nova estratégia do discurso jornalístico é usado: o dar voz ao outro, o usar um especialista para confirmar a "realidade" apresentada. A jornalista pára por aí e retorna subitamente para a questão do trânsito. Não retoma nenhum dos pontos levantados, não reflete sobre as consequências das afirmações, não estabelece relações entre o que foi dito por ela (com os dados apresentados) e o que foi dito pela especialista. O que percebemos no texto, apesar do aparente apelo pela importância da educação, é uma fragmentação dos sentidos, uma confusão das prioridades. O texto nos diz que a educação é o tema mais importante, mas no seu próprio movimento esquece e minimiza essa importância. Ao final, o texto retorna ao trânsito. Mostra o desejo dos entrevistados sobre o assunto, enumera e conclui sua argumentação com um tema que, segundo a própria autora, está na 17ª posição da fila.

DE QUEM É A CULPA?

Paramos surpresos diante do titulo do artigo: "Salário de professor sobe 18% em 5 anos". Não é preciso fazer muito esforço para descobrir a quais professores o texto está se referindo, já que na linha fina do artigo um pequeno texto destacado é colocado após o título, observamos a ressalva: o aumento real do professor da rede pública da educação básica em São Paulo foi de 9%. O título, porém, é tudo. Ele nos chama atenção, nos convida ao texto, nos estimula a seguir na leitura e é com a primeira mensagem - aquela boa notícia - e por ela, que iniciamos a leitura.

No desenvolvimento do texto o articulista explica que houve o aumento "real" de 18%. Porém, estes valores não se referem ao conjunto de professores e que estes dados não podem ser comemorados, já que a profissão continua com uma defasagem salarial se comparada a outras profissões que exigem o mesmo grau de instrução. O texto continua apresentando os dados do lado positivo – que constata um aumento real nos salários - apresentado pelo Ministério da Educação (MEC), e de outro o negativo – que compara o salário dos professores com de outros profissionais, analisado pelo próprio jornal Folha de São Paulo.

Ao longo do texto, portanto, somos convidados a refletir sobre a situação dos professores a partir destas análises. Se de um lado recebemos a informação que estes resultados servirão como parâmetro de discussão no Plano Nacional de Educação inclusive para se negociar a composição de um piso nacional para a categoria e um aumento dos valores, por outro lado vamos confirmando o lugar desprivilegiado socialmente (especialmente quando o comparativo é econômico) que ocupa o professor. Somos comparados aos médicos, arquitetos, enfermeiros e lá vamos nós para o fim da fila.

O articulista ainda se apóia em outro relatório, preparado pela Unesco, sobre a situação dos professores brasileiros e mostra que a Agência da ONU para Educação também destaca a discrepância entre os salários dos professores e de outras profissões e que este fato acaba por diminuir o que ele chama de atratividade da carreira. Todo o artigo busca a voz do outro, e este fato não é acidental. Na verdade acompanha o movimento do discurso jornalístico que procura sempre o personagem, o sujeito fora, para referendar o que é dito pelo autor e construir para si um sentido de verdade: o que eu digo é confirmado pelo outro e, portanto, me confere o "poder de dizer" (Charadeau, 2005).

É usando este mesmo mecanismo, este poder dizer com a voz do outro, que o articulista explica no texto como a falta de atratividade da carreira para os melhores estudantes, isto é, a origem social dos professores, as falhas nos currículos dos cursos de pedagogia e também os salários (mas sempre com ressalva) influenciam a qualidade da educação. O articulista, do mesmo modo que o texto anterior, usa uma série de artifícios de fragmentação, tratando de diferentes temas em um mesmo texto, buscando uma série de opiniões sobre a temática, apresentando dados aparentemente neutros. Porém, neste caso, o que a fragmentação reforça, na nossa opinião, é um sentido um

pouco mais perverso: o de culpabilização do professor não só pela má qualidade da educação como também pelos baixos salários.

A carreira não é atrativa para os jovens mais qualificados. Além disso, ao ingressar no curso de pedagogia, os jovens (desqualificados) não são bem formados e, consequentemente, ao buscar o mercado de trabalho são mal pagos. Se valendo de um efeito de retorno, o texto começa defendendo a educação e os professores para terminar culpabilizando os próprios professores.

O PROFESSOR É IMPORTANTE?

A propaganda começa mostrando cenas de diferentes lugares do mundo. São pontos turísticos da Inglaterra, Finlândia, Alemanha, Coréia do Sul, Espanha, Holanda, França. Na sequência um locutor em *off*, com voz masculina, explica ao expectador: "Alguns países mostraram uma grande capacidade de se desenvolver social e economicamente nos últimos 30 anos. Nós perguntamos a pessoas destes países: qual é na sua opinião o profissional responsável por este desenvolvimento?"

Na sequência da fala aparece a imagem de diferentes pessoas, aparentemente de nacionalidades diferentes e falando diferentes idiomas, se posicionando como se estivessem realmente respondendo a uma pergunta. Todos dizem: o professor. Logo em seguida aparece uma mulher, jovem, negra, com crianças uniformizadas ao fundo que diz: "Venha construir um Brasil mais desenvolvido, mais justo, com oportunidade para todos: seja um professor !".

A imensa importância dada ao papel do professor nesta propaganda confirma os sentidos primeiros que permeiam os textos anteriores sobre a educação e o professor. A idéia, contudo - de que o desenvolvimento social passa necessariamente pela educação e consequentemente também pelo professor - não é um discurso novo e nos remetem na verdade a Primeira Republica e ao conceito pensado por Nagle (1974) do Entusiasmo pela Educação (Soares, s.d.). Este conceito político nacionalista da Primeira Republica que clamava pela urgência da educação do povo e inclusão do Brasil no caminho das grandes nações foi revisitado também no modelo neoliberal mesmo que com o discurso transformado, preocupado com a atualização do Brasil para inserção no mundo globalizado (Oliveira & Silva, 2002) e, ao vermos esta propaganda, confirmamos que ele se mantém presente nos discursos atuais.

A propaganda se centra na figura do professor, com a câmera focalizando o personagem de baixo para cima, procura criar uma imagem de poder, força e credibilidade aos entrevistados. Ao mostrar uma jovem professora, alegre, dinâmica, que passa informação em um tom otimista e imperativo o publicitário não só cria estereótipos sobre a imagem deste profissional como associa a profissão a um ato de fé. Da mesma forma a imagem dos alunos são homogeneizadas e estereotipadas, eliminando para o telespectador a idéia de que existam conflitos a ser enfrentado pelo professor em sala de aula.

Muitas questões se desdobram da análise deste comercial. Porém nos fisga o que é mais forte no momento: o telespectador é convidado a ser professor não pelos aspectos laborais, mas pela possibilidade de se tornar – por meio dela – uma agente de transformação social. Assim, mesmo na tentativa de valorizar a profissão, o comercial acaba colaborando para a consolidação de estereótipos.

CONCLUSÃO

Os textos analisados falam de lugares diferentes sobre o mesmo tema: o papel da educação na sociedade e a importância do professor para que este processo se efetive. Este artigo é apenas uma visão inicial do que pretendemos transformar em uma análise profunda e sistemática do discurso sobre o professor e seu trabalho nos meios de comunicação. Definimos para este trabalho algumas categorias como a fragmentação, a culpabilização e de imagem missionária do professor que acaba atrapalhando e dificultando a luta pelas conquistas de valorização da profissão. Pretendemos dar continuidade a este estudo, ampliando o corpus discursivo, incluindo novos materiais e identificando novas categorias. Por ora, com base no que foi visto, concluímos que o discurso de valorização da profissão docente ainda está permeada de uma série de sentidos negativos e que os meios de comunicação, por mais que se coloquem como defensores da educação, também podem acabar assumindo um papel de algoz.

REFERÊNCIAS

SOBRENOME, Inicial. **Título em negrito até os dois pontos:** sem negrito para subtítulo. 3. ed. Cidade da publicação: Editora, ano, número total de páginas do livro.

SOBRENOME, Inicial. Título do artigo consultado, sem negrito. In: SOBRENOME, Inicial. **Título em negrito até os dois pontos:** sem negrito para subtítulo. 2. ed. Cidade da publicação: Editora, ano, intervalo de páginas do artigo.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e Discurso:** Modos de Organização**.** São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso.** São Paulo: Contexto, 2004.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Termos-chave da Análise do discurso**. Editora da UFMG: Belo Horizonte, 2000.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo : EPU, EDUSP, 1974

SOARES, R. D. **O Conceito de passagem do "entusiasmo pela educação" ao "otimismo pedagógico" na pesquisa educacional Brasileira.**
Disponível em:http://www.anped.org.br/reuniões/26/trabalhos/rosemarydoresoares.rtf
Acesso em: 20 Mar 2010.

OLIVEIRA, V. SILVA, R.F. **O "Entusiasmo pela educação" na primeira república:** uma perspectiva de progresso político-social no Brasil. In: II Congresso Brasileiro de História da Educação, Natal, 2002.